

A maior tiragem de todos os semanarios portugueses

ANO II - NUMERO 84

PREÇO AVULSO 1 ESCUDO

12 PAGINAS

O DOMINGO

ilustrado

SEMANARIO

R. D. PEDRO V-18
TELE. 631-N. LISBOA

AGENTES EM

TODA A PROVINCIA
COLONIAS E BRAZIL

NOTICIAS & ACTUALIDADES GAFICOS - TEATROS SPORTS & AVENTURAS - CONSULTORIOS & UTILIDADES



SEM LAR!

Eis a tragedia quotidiana de Lisboa! Quando acabará ela?

ESTE NUMERO FOI VISADO
PELA COMISSÃO DE CENSURA

ECOS

Missão difícil

O publico português, que não sendo dos mais cultos é dos mais espertos do mundo, compreenderá que, neste momento, a missão do jornalista é difficilima. Ele saberá perdoar e interpretar muitas coisas que lê.

Não nos lamentamos, nem protestamos, porque em geral não perdemos tempo com gestos inúteis. Seja-nos licito fazer apenas uma afirmação: A imprensa portuguesa, á parte excepções que os seus proprios organismos repudiam, tem sido, nos anteriores anos de destribelamento governativo em que temos vivido, uma força serena e construtiva, que tem dado ao país, a par da coragem civica, a vontade de viver.

Um jornal despreocupado como o nosso, cuja função é cavaquear a sorrir da vida portuguesa, sem politica e sem azedume, precisa de ser encarado na sua missão, que não é a dos diários informativos. Dir nos-hão: «O ridiculo é, de facto, uma grande arma,—tão grande que mesmo amordaçada e quebrada fere ainda.»

Mas disso não temos nós a culpa...

Palavras que valem

No meio das ridiculas discursatas que os polticos e os revolucionarios de sempre costumam fazer, as palavras do sr. Fausto de Figueiredo, no banquete do Estoril, tiveram um valor que é mister pôr em fóco.

O sr. Fausto de Figueiredo, como o sr. Alexandre de Almeida, como uma meia duzia, se tanto, de grandes industriais, são as pessoas unicas capazes de dar a Portugal a fisionomia de país europeu, de que ele necessita.

A nossa finança, desconfiada, ignorante na sua maior parte, não conhece, porque não estuda, nenhum dos grandes problemas actuais. O esforço, portanto, des'es industriais é herculeo, porque tem de vencer a resistencia formidavel do meio.

Nunca será demais enaltecer a sua obra—e aqueles portugueses que sabem ter admiração pelo valor alheio, e que sabem ser amigos da sua terra, vendo acima da estreita nesga de luz politica—devem fixar os nomes de Fausto de Figueiredo e de Alexandre de Almeida, ultimamente postos em fóco como dois grandes constructores da nos a vida moderna, e junto de cuja grandeza desaparecem como pigmeus as enfiadas de tantos ministros anónimos da Republica.

Silva Nogueira

Por lapso não dissemos que o belo cliché que publicámos na nossa ultima capa era da autoria do illustre artista-fotografo Silva Nogueira, director da conhecidissima «Fotografia Brazil» e nosso antigo e bom amigo. Aqui fica o esclarecimento, que tem apenas o valor de nos não ter sido pedido.

UM BOM LUGAR



—Final esse lugar de porteiro de ascensor é um bom lugar.
—Eu te digo, tem altas e baixas...



A SOMBRA...

Jantamos quasi sempre no terraço que dá para um jardim de fresca data. (Eu timbro em chegar tarde, e abrando o passo para fingir que tenho imensa lata...)

Vê-se a gente que passa no jardim trilhando o pavimento alcatroado. Senhoras serias, homens, girls sem fim... E tambem, muita vez, um mutilado.

Ha muitos; e ha nos olhos, para os ver, o vago sentimento aborrecido de quem não veio aqui para soffrer... ou tem remorsos de não ter soffrido.

Passam, olhando a vida clara e bella como altos sonhos de que se esqueceram. Mulheres em vez de azas. Na lapela, fitas de cor do sangue que perderam.

Hontem, na altura do segundo prato que um «lord» encasacado nos servia, sem pedir venia nem «soovar o falo» subiu um, cambaleando, a escadaria.

Guardava ainda a mocidade antiga no rosto, de uma placida amargura. Num mixto de humildade e de fadiga trazia aos hombros uma caixa escura.

Poisou a cruxa sobre o parapeto e della um velho arco retirou, atarrachando-o,— com que triste grito!— num gancho que por braço lhe ficou.

Tactou as cordas. E focou, sem alma, cravando muito o queixo no violino, todo curvado a uma tristeza calma que hade sempre pizar no seu destino.

Scarlatti... Notas vivas de alegria que o coração ouvia atormentado,

Hendaya—Agosto 1926.

questão
prévia

HA dias, na pra'a, vendo rolar o rio em ondas pequeninas, como quem se ensaia para ser mar uns quilómetros mais adiante, fui interpelado por um sujeito, que ao meu lado fazia imensos esforços para eu perceber que era pai dum escanifradinho de sete anos de idade e duma engonadinha de dez, que dentro dos respectivos *mollots* de banho davam a desoladora impressão de não terem nascido para aquilo. E aquilo, afinal, era isto, simplesmente: dar a mão ao banheiro e entrar pela agua, tanto quanto possivel como nós por nossa casa.

—Veja Vosselencia—disse-me de chofre o homenzinho, em quem pelo alambicado do dizer reconheci hoje o 2.º official nato da Contabilidade Publica, *double* de chefe de secção interino—veja Vosselencia como as crianças de hoje diferem das crianças do meu, direi mesmo do nosso tempo.

—O cavaleiro dirá o quizer, porque, emfim, eu não sou de cerimoniais nem de censuras, mas advirto-o de que não conheci as crianças do seu tempo, pela simples razão de eu ainda não ser nascido quando V. Ex.ª teve a honra de ser criança.

—Pois o meu amigo não imagina o que nós eramos em pequenos! Uns estupidos...

rebelle á dolorosa melodia de um arco inhabil e aparafazado.

E ninguem applaudia as coisas calmas que ia tocando sem talento ou escola, — talvez por medo de que nessas palmas elle sentisse a mais amarga esmolá.

E enquanto elle tocava, iam servindo pelas mezas, as coisas mais divesas. Tocava-se... entre talheres retinindo... Soffria... entre murmurios de conversas...

Se algum creado lhe passava perto, elle é que se afastava, a titubear, proseguindo o programma de um concerto que a ninguem queria incomodar...

Porfir, reorganizou, no parapeto, a bogagem de artista que trouxera. Pregou num prato. E humilde, contrafeito, pediu—como quem pouco merecia.

Quando sahio, nenhum olhar maguado lhe acompanhou a sombra cambaleante. Talvez os francos que lhe tinham dado fossem consolação mais que bastante.

Fôra uma vaga sombra sem sentido... um momento sem cor e sem belleza... Toda esta gente que o não tinha ouvido atacou com volúpia a sobrezeza.

E ninguem deu porque dali a pouco, para além do jardim, do hotel fronteiro, chegavam rchos do violino rouco juntando mais um porto ao seu cruzeiro.

Outra vez a harmonia dolorosa... De novo as alegrias de Scarlatti... —A' minha esquerda, uma menina edosa guindando muito as unhas cor de rosa deitou fôgo ao rasilho de um «Muratti»...

TAÇO

ECOS

Conde de Fontalva

O Domingo, presta homenagem á familia do Conde de Fontalva, no momento em que a morte arrebatou impiedosamente um homem que foi realmente uma figura bem portugueza e que ainda ha pouco toda a Lisboa via guiando as suas parrelhas de raça, nas tardes douradas da Avenida.

Alguns jornais traçaram um perfil demasiado pitoresco desse grande *sportsman*, fazendo dele um estroina sem ideais.

A verdade é que o Conde de Fontalva foi um dos grandes iniciadores da nossa moderna cultura física—e foi-o num momento em que era preciso muita coragem para sê-lo.

Especialmente a seus filhos, envia o Domingo *ilustrado* a expressão do seu pezar.

A' Ex.ª Administração dos Correios

Estamos desde Maio mandando jornaes á cobrança contra reembolso, ao nosso agente em Loanda. Temos conhecimento que os jornaes foram vendidos, e portanto pagos, quando entregues ao nosso agente naquela cidade.

Como até hoje não tenhamos recebido importância alguma, chamamos para o caso a atenção do Ex.ª Administrador.

Pois é como lhe digo... Ganhou o campeonato das construções civis de papel recortado que todos os anos organisa aquele semanario infantil chamado «O dedo no nariz». No collegio, para ele as primeiras letras são já as segundas ou terceiras e alem disso tem a equipe do club pronta a estreiar na proxima temporada do *football*.

—E a menina?

—A menina, essa, além dum bocado de gymnastica sueca, já vai compondo os seus versinhos muito regularmente. Espero vê-la daqui a dois anos dar á luz...

—Quê? Já d'aqui a dois anos?...

—Sim, meu caro, á luz da publicidade de um volume de sonetos todos em quadras, que são os que mais quadram ao gosto do publico.

Nesta altura do dialogo, os dois tercos arbustos anemicos saiam da agua, com os *mollots* lamentavelmente colados á pobreza de cada versito angulosos.

—Veja indicava o pai, revendo-se na parede—veja se no nosso tempo se viam crianças assim.

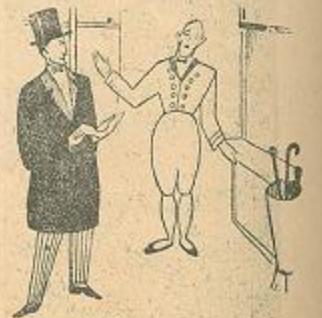
—Ah, isso não se viam, não... Quem tinha filhos assim ou não saia com eles á rua ou não os mostrava em falo de banho...

E como o excelente papá me parecesse assombra: o pelo meu dizer iconoclasta, acrecente generosamente:

—... com medo que lh'os roubassem!
Um sorriso agradecido coroou a minha *frase* apoteotica.

Afinal, não ha crianças mal criadas. O que ha, é pais maus criadores.

IMPOSSIVEL



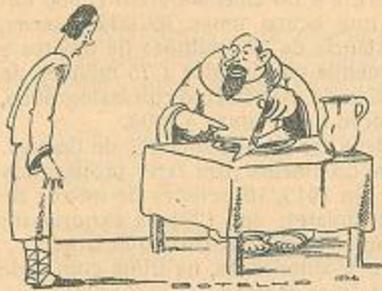
—Que tempo faz esta manhã, Antonio?
—Não posso ver, patrão, está calando muita neve...

A EXPANSÃO REGIONAL DE «O DOMINGO»

BUGALHOS EM FESTA!

A RAINHA DE RIO PEQUENO!—A LENDA
HISTORICA—INDUSTRIA, COMERCIO, MO-
NUMENTOS.—SALVÉ POR UM PORTUGAL
MAIOR!

O mesmo sr. Antonio Cabreira afirma na sua obra, «Os Bugalhos em Portugal», que aqui se feriu uma batalha. Ora isto não é historico nem certo. A unica Batalha destes sitios nunca se feriu e se algumas vezes tem vindo cá á farmacia coser o coiro cabeludo é



sempre o marido, o Batalha barbeiro, quem a fere com o assentador, assentando-lho na caixa craneana. Nestes pontos não me bate o sr. Cabreira, porque na minha qualidade de farmacutico sou eu quem os aplica a todos os ferimentos.

A origem do nome desta ridente povoação tambem se perde na noite dos ventos e mesmo na dos «Diarios de Noticias». Contudo existe uma lenda que pretende explicar essa origem. E' a seguinte:

A certo rei mouro, grande amator de petiscos, chegou a fama do bacalhau sueco, que vendia o Zézinho da Loja, estabelecido desde ha muito em Bugalhos com vendas por grosso e retalho. Ei-lo que parte com a sua comitiva e o seu harem em busca do bacalhau famoso e tendo aportado a esta vila (ao tempo Bugalhos era ainda uma colonia fenicia do interior), mandou logo ao seu cosinheiro, chamado Ali-Bug, que lhe assasse duas postinhas do lado da cabeça. Feito o petisco, sentou-se o rei á mesa e deante do bacalhau lourinho e apetitoso, regado com um fio de azeite, teve sua magestade mourisca uma inspiração e, batendo as palmas, ordenou a Ali-Bug.

—Bug, alhos!

E assim a terra se ficou chamando Bugalhos e se espalhou o costume de comer bacalhau com alho.—L. B.—Farmaceutico.

A INDUSTRIA E O COMERCIO—
OS PRINCIPAIS MONUMENTOS—
UM BELO PROJECTO

A principal industria de Bugalhos não é nenhuma. As restantes tambem se encontram em grande decadencia por falta de protecção dos poderes publicos.

O comercio luta presentemente com

uma grande falta de freguezia, o que traz preocupada a Junta de Freguezia, que anda a estudar os motivos por que a freguezia se não junta nos dias de mercado, na loja do sr. Zézinho da dita.

Felizmente Vila Nova de Bugalhos é dotada de bons monumentos, sendo todos principais, ao contrario do que se dá com as industrias. Entre outros lembra-nos ter visto:

—O chafariz d'El-Rei, na praça da Republica. E' em estilo manuelino, em homenagem ao comendador Manuel Nunes, que o pagou e cujo busto se ostenta no alto do monumento. Tem todas as condições para atrair a atenção geral e só lhe falta deitar agua, porque a junta cortou-lhe a agua á escovinha, visto o chafariz ser reaccionario.

—O coreto da Alameda. E' todo de ferro, para simbolisar o ferro que os progressistas tiveram quando os regeneradores venceram umas eleições. Servia aos domingos, para exhibição musical da Filarmonica Democratica Luz e Esperança Fraternal, mas desde que o trombone e dois clarinetes se passaram para a Esquerda Democratica os concertos cessaram.

—A Matriz, no largo da Matriz. E' uma construção vulgar, no estilo dos predios de Lisboa. Até por isso ha quem lhe chame a Matriz predial. Está em mau estado, mas como a Igreja se separou do Estado ninguem se preocupa se o estado da igreja é bom ou mau.

—O castelo. No tempo dos mouros houve nesta vila um castelo todo feito



de ruinas, conforme o estilo arabe da epoca. Ultimamente, como as ruinas ameaçavam ruina, acabou-se com aquilo de vez. Apesar de não existir, o castelo é considerado monumento historico.

Ainda que propecta e vetusta, Vila Nova de Bugalhos é uma povoação que se modernisa e caminha a passos agigantados na senda do progresso e da civilização. Ultimamente, por deci-

são da Junta, foram proibidas as bilhas de agua que não meçam uma canada. Assim, sem maior dispendio, consegui mos ter agua em canada.

Recemchegou a esta vila um seu nobre filho, que nas Americas grangeou alguns meios de fortuna. Amando a sua terra com entranhado affecto, o illustre Bugalhense vem disposto a pô-la ao par das melhores do país, para o que dispõe do projecto genial da edificação dumas termas, com a competente estancia de aguas minerais e, d'aqui por um ano, a respectiva praia de banhos.

Uma comissão composta pelo farmacutico, barbeiro e medico do partido está encarregada de estudar o tipo de aguas que mais convem descobrir para beneficio da humanidade enferma e desta terra. A cautela o farmacutico está açambarcando toda a agua de Vidago do concelho. Segundo parecer do barbeiro, a agua a adoptar deveria ser a agua pé.—M. B.—Fiscal dos Impostos.

ALGUNS HOMES ILUSTRES
DE BUGALHOS

Na politica tem florescido algumas das melhores cabeças de Bugalhos.

Consta que o Cardeal D. Henrique era de Bugalhos e que aqui nasceu tambem o inventor da polvora, não tendo o menor fundamento a tradição erronea que dá Bugalhos como patria de Sedlitz, o famoso inventor dos alfinetes de segurança para uso externo.

No campo das artes podemos orgulhar-nos de aqui não terem nascido nem Wagner, nem Camões, nem D. Judite Teixeira, nem outros homens célebres deste ou do passado seculo.

Corre o boato de que, após a morte do padre Antonio Vieira, a sua viuva veiu carpir a desolada viuvez em Bugalhos, mas naturalmente isto é tão certo como dizer-se que esta terra foi o berço do marechal Junot, do poeta sr. João Maria Ferreira e doutras celebridades.—D. P. C.—Prof. official.

Pela copia.

XISTO JUNIOR

TUBERCULOSOS
ANEMICOS
DEBILITADOS

Tomem: NUTRICINA

AUMENTO DE PEZO 500 GRAMAS POR SEMANA
FARMACIA FORMOSINHO
PRAÇA DOS RESTAURADORES, LISBOA—18

LOGICO



—Parece-me inutil dizer-lhe o que venho aqui procurar...
—O Linoeiro...

O nosso colaborador Xisto Junior, não querendo dar pasto, com a sua prosa chistosa e brilhante, ao lapis da Censura, decidiu neste numero fazer substituir a habitual Cronica Alegre por uma pagina regional, á maneira dos grandes jornais.

A organização desta pagina pertence de facto áquele nosso colaborador, mas os artigos são da autoria dos nomes que subscrevem, nomes dos mais cotados em Vila Nova de Bugalhos, onde se mostram no exercicio das mais nobres virtudes civicas.

BUGALHOS EM FESTA—A VILA E AS
SUAS TRADIÇÕES HISTORICAS—
A LENDA DA SUA DENOMINAÇÃO

VILA Nova de Bugalhos, a risonha povoação que em riscos de cair se debruça sobre o caudaloso Rio Pequeno, está em festa, graças á benemerencia d'alguns dos seus filhos ausentes no Brasil e aos esforços e patriotismo da Junta da Freguezia. Bugalhos vai ser dotada com um melhoramento importante: a iluminação a acellene, cuja inauguração se realisa no corrente mez, por ocasião das grandiosas festas em honra e louvor de S. Pantaleão da Estrela, que se venera na sua capelinha, erecta no sitio chamado Penha Poucas.

Não sou um Herculano, um Rebelo da Silva ou um Camões, mas com a pratica que tenho de correspondente de jornais do distrito, vou procurar corresponder ao convite do sr. redactor de O Domingo Ilustrado, fazendo a historia desta linda terra, onde a primeira vez vi a luz do dia, ás dez horas da noite de 30 de Setembro de 1884.

Vila Nova de Bugalhos é das povoações mais velhas de Portugal. Dizem uns que foi fundada por D. Sancho III, 150 A. C.; outros afirmam que se trata duma colonia fenicia fundada por gregos, no tempo em que o mar era no interior do país e não nas costas, como se vê actualmente. O que parece, porém, aproximar-se mais da verdade é a tradição, constante dum bilhete postal do sr. Antonio Cabreira, encontrado no arquivo do falecido comendador Nunes, em que se attribue a fundação desta risonha vila a Recesvinte, rei dos Suevos, que para a construir e povoar pediu emprestados cem Cruzados a Frederico Barbaroxa, o qual (no dizer do documento citado) os emprestou a Recesvinte por cento.

CASO ARRUMADO



—Empresto-me vinte mil reis—Quero liquidar as minhas dividas duma vez por todos!

A HISTORIA DO BANHO

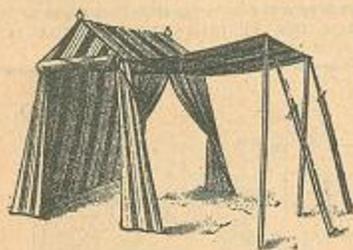
Nas primeiras idades da humanidade só se conheciam os banhos em depósitos naturais de agua, como os rios, os lagos e o mar. Na India, todos os lugares destinados ao culto tinham um tanque sagrado, onde se banhavam os crentes. O Ganges conserva esse mesmo caracter sagrado, submergindo-se nele, durante as festas religiosas, centenas de devotos. Os egípcios banhavam-se no Nilo, e entre os hebreus eram frequentes os banhos, já como purificação religiosa, já como habito higienico. Na Grecia era vulgar o banho no rio e no mar, assim como o banho domestico. Reza a historia que os gregos tiveram banhos publicos; igual costume tiveram os romanos, sendo famosas as termas que os imperadores fizeram construir para conquistar o favor do povo. Na Idade Media o costume de tomar banho passou a estar muito menos arraigado, e no Renascimento ainda menos.

AS REFEIÇÕES DO PAPA

A côrte vaticana, que foi a mais elegante do mundo e que em 1870 era ainda uma das mais fastuosas, desde esta data até hoje tem uma historia cheia de intimos e delicados esplendores. A essa historia dedicou Carlos Prati uma curiosa obra intitulada *Papas e cardeais na Roma moderna*.

Pio X teve que sustentar uma longa e porfiada luta para reconquistar, tanto para si proprio como para os seus sucessores, o inocente e cristianissimo prazer de sentar um comensal á sua mesa. Desde Urbano VIII, isto é, desde ha trez seculos, o protocolo obrigava o Papa a comer sózinho. Leão XIII, muito respeitoso da tradição, não ousou infringir o costume e quando convidava para a sua mesa o seu secretario, monsenhor Angeli, fazia-o sentar diante dum prato vazio, enquanto ele, Leão XIII, comia. Quando ele acabava, começava o secretario a comer, sendo então o Papa um simples espectador. Pio X aboliu este costume e comeu á mesa com o seu amigo monsenhor Bressand, sem se importar com o escandalo que tal procedimento levantou.

Toldos e barracas



CONFECÇÃO E REPARAÇÃO

O QUE HA DE MAIS PERFEITO

Fabrica de
João Ferreira Gomes, L. da

Telefone C. 3315

RUA VALE DE SANTO ANTONIO, 55

LISBOA

Hollywood, a cidade cinematografica

HOLLYWOOD, cidade maravilhosa, gerada espontaneamente, ha alguns anos, pelo desenvolvimento da industria cinematografica, fica situada a 10 quilometros para Oeste da cidade de Los Angeles, perto da costa do Pacifico, na California do Sul. Directa ou indirectamente, todos os habitantes de Hollywood vivem do cinema. Perto de 60.000 individuos—actores, comparsas, encenadores, operadores, electricistas, carpinteiros, pedreiros, pintores e decoradores—são empregados das grandes marcas de cinematografo que têm em Hollywood os seus «studios»; á margem dessa multidão aglomera-se toda uma série de comerciantes, hoteleiros, etc., que vivem á custa dos 60.000 «filhos do cinema», e, portanto, á custa deste. Só o extraordinario, o fantastico incremento que o cinema atingiu nos Estados Unidos pode explicar a criação desta cidade incrivelmente moderna.

Por ordem de importancia, as três maiores industrias dos Estados Unidos são: a das conservas (representando um capital de 2.200 milhões de dolares), a dos automoveis (1.700 milhões de dolares), e a do cinematografo (1.500 milhões de dolares). Esta ultima calcula-se que ocupa umas 300.000 pessoas, atingindo a sua produção anual uma importancia de 200 milhões de dolares e pagando de salarios e emolumentos uma quantia não inferior a 75 milhões de dolares. Ha, nos Estados Unidos, 20.000 salas de espectáculo cinematografico, ao passo que em todo o resto do mundo deve haver umas 47.000.

A receita das salas norte-americanas deve ser de 750 milhões de dolares. Ha tambem 25.000 igrejas que se utilizam do cinema para fazer propaganda religiosa. Os Estados Unidos exportavam, em 1913, 10 milhões de metros de pellicula, do valor de 2 milhões e meio de dolares; em 1925 já exportavam mais de 80 milhões de metros de pellicula, num total de 8.630.000 dolares.

Das 250 empresas cinematograficas norte-americanas, ha trinta com sede em Hollywood, mas trinta que são das mais importantes.

Hollywood tem o aspecto dum imenso parque semeado de casas de campo e rodeado por «boulevards» e avenidas rectangulares. A arteria principal é o Hollywood Boulevard, que tem a extensão dos dez quilometros, que separam esta cidade da de Los Angeles. Tem, de ambos os lados, os mais diversos armazens. Passando os limites da cidade, para o Norte, encontram-se os contrafortes das Montanhas Rochosas, isto é, a natureza selvatica e desertica, o classico scenario das correrias de «cow-boy» e aventuras fantasticas.

Os «studios» de Hollywood tem todos os aperfeiçoamentos tecnicos e um conforto que mal se pode imaginar. Teem-se construido em Hollywood paisagens de todas as civilizações, paizes e epocas, desde Veneza com os seus canais e a sua Ponte dos Suspiros, aos poeticos jardins japonezes, ás cidades assírias e babilonicas, ás ruínas romanas e da Peninsula Iberica. Reconstituiu-se, para o «film» «Notre Dame de Paris», uma copia exacta da catedral gotica parisiense, mas só até á primeira plataforma, sendo o resto obtido graças a um engenhoso «truc», que consistiu em colocar uma «maquette» de pequenas dimensões perante uma objectiva ampliadora.

Para a fita «O ladrão de Baydad» reconstituiu-se uma cidade do Oriente, completa, com as suas cúpulas e minaretes, tudo construido de madeira e cimento armado. Ha grandes extensões cobertas de edificios frageis, prontos a serem demolidos: palacios, castelos, gares de caminho de ferro, docas, fabricas, pontes de navios, pagodes chineses, casas persas, etc. Ha imensos «hangares», repletos de moveis, de maquinas e aparelhos extraordinarios, que produzem fumo, vento, tremores de terra e outros fenomenos duma natureza que obedece á pressão dum comutador electrico.

No meio de tudo isto, imagine-se a mais fantastica população: indios com penas na cabeça, árabes de albornoiz, «gauchos» da grandes chapéus de feltro, mosqueteiros á Luiz XIII, soldados com uniformes de todos os paizes e epocas, «écuyères» de circo com botas altas, sacerdotizas gregas de «peplum», princezas de tranças loiras, damas da côrte, etc., tudo misturado com maquinistas e operadores com «macacos» de ganga.

Hollywood não tem teatros, nem «restaurants» nocturnos ou «dancings». Em compensação, abundam os cinemas, porque todas as pessoas que vivem do cinema, toda a população, numa palavra, tem a ansia de ver as produções das outras casas, rivais daquela onde estão empregados. A cidade tem, alem da policia vulgar, um corpo de *policewomen* ou mulheres policias.

A aristocracia de Hollywood é constituída pelas «estrelas» cinematograficas de ambos os sexos, as quais possuem os seus palacios principescos no risonho vale que corre ao longo das montanhas. Chaplin, Charlie *Charlot*, tem um palacio turco; Sessue Hayakawa, o grande actor japonéz, é senhor dum imponente castelo com ameias.

Hollywood é o grande centro tentador de todos os jovens americanos que querem fazer fortuna; é como o Brasil para os portugueses do seculo passado. Em Hollywood morrem muitas esperanças e realizam-se muitos planos que pareciam loucuras. Hollywood é a cidade dos pesadelos e dos sonhos dourados.

ESTÀ NEURASTENICO?

DESTRAI-SE LENDO «O DOMINGO ILUSTRADO»

FANTASIAS DA AMERICA

Em Holliwood, a cidade do Cine, onde tanto se apreciam as extravagancias, pensou-se em colocar sobre os ombros dos agentes de policia encarregados de regular o transito nas ruas um reflector de luz vermelha, que sirva para indicar aos automobilistas quando devem parar o veiculo. Nestes dias de calor intenso não deve ser invejavel ter sobre os ombros um facho luminoso e estar-se transformado em pirilampo humano.

O INVENTOR DOS POSTAIS ILUSTRADOS

Faleceu ha dias M. Edward Tuck, subdito inglês, «baronnet» e milionario, a quem é atribuida a invenção dos bilhetes postais ilustrados. Parece, contudo, que ele apenas contribuiu para a sua difusão, enriquecendo com a sua venda. A invenção deve ser antes atribuida ao francês Léon Besnardeau, natural de Sillé-le-Guillaume, que mandou imprimir o primeiro bilhete postal ilustrado, o qual era uma litografia a cores representando dois grupos de armas sustendo um pendão onde se lia «Souvenir de la Défense National». Por cima, o brazão da Bretanha. A impressão foi feita na casa Oberthur, de Rennes.

CEMITERIOS DE ELEFANTES

Uma tradição, apoiada pelos exploradores e sabios, diz que os elefantes, advertidos, por qualquer estranha e curiosa presciencia, de que vão morrer, se retiram para um local secreto—apenas um para cada região—e só aí repousam em paz, dormindo o ultimo sono. Esta tradição toma certo vigor pelo facto de ninguem ter encontrado nos matagais e florestas virgens ossos de elefante. Só um viajante, o major Powell Cotton, dos fuzileiros de Northumberland, pertendeu, outrora, ter descoberto, na região do Alto Nilo, um cemiterio de elefantes. Mas esta afirmação não foi autenticada. Presentemente, uma americana, Mrs. Bounphrey, a quem são familiares os segredos da selva, resolveu partir para a Africa, em busca dum cemiterio de elefantes, que a tornaria senhora duma inexgotavel mina de marfim.

LOPES & CABRAL

Casa especializada em artigos de mercearia

Produtos nacionais e estrangeiros.

Tudo de primeira qualidade.

Preços de actualidade.

177, AVENIDA DA LIBERDADE, 181
LISBOA
TELEPHONE N. 142

SALÃO FOZ

VARIEDADES E CINEMA: : : : : :

: : : : : : BOA MUSICA : : : : : :

: : : : : : OPTIMOS ARTISTAS

A melhor casa de espectaculos de Lisboa

COSULICH LINE

Para New York (directo) e Providence (via New York.)

O magnifico paquete MARTHA WASHINGTON em 12 de Setembro.

Agentes: — E. PINTO BASTO & C. A. L. DA

O DOMINGO
Ilustrado

TEATROS

O "El Dorado" do
Brazil

Conhece toda a gente de teatro aquelas historias que se contam dos principes apaixonados do Brazil, aquelas santas e pacatas creaturas que quando viam uma actriz portugueza sobre um palco do Rio de Janeiro eram de subito tomadas por uma paixão absorvente, fatal, impiedosa, apaixonadamente, que tinha a sua primeira explosão em forma de ramo de flores, a segunda por um par de brincos de brilhantes do tamanho de tremoços, e depois, em explosões seguidas, como nos motores da engenharia moderna, atiravam com pedentifas, automoveis, cheques de vinte contos, casacos de peles, chalets, etc., etc.

Entre o cochichar dos camarins de Lisboa apontam-se casos desta natureza, citam-se exemplos, e a gente pasma do bom coração dos apaixonados brasileiros e, sobretudo, da sua extrema confiança nas mulheres.

As pessoas que nunca vieram ao Brazil ficam pasmadas de tanta palavra bonita, e quando uma companhia se forma para demandar as terras de Santa Cruz, as coristas entram á custa de empenhos, a bicha das pretendentes ao ingresso na «troupe» embaraça as empresas, e tudo são recomendações:

—Põe no Banco o dinheiro que eu mandar!

—Assim que chegar mando-te logo um cheque!

Durante a viagem, as coristas, embaladas pelas lendas ouvidas, mostram as «toilettes» fiadas a peso de ouro, na firme convicção de que, com quinze dias de Brazil, aquilo fica tudo pago... e ainda sobeja.

Desembarcam. Em vez dos tais principes encantados, com as algibeiras cheias de notas e o coração a rebentar de amor, dez ou doze curiosos «vão ver as caras». A tal multidão de sujeitos de idade madura, que estão sempre á espera das companhias portuguezas para despejarem as montras dos ourives, é representada por um velho frequentador da «plateia», de muitas falas e nenhum dinheiro.

Veem os primeiros espectaculos e os tais principes continuam incognitos.

E' que não veem nas primeiras noites! Mas as noites vão-se passando e os principes não aparecem!

De quando em quando aparece um «groom» com um ramo de flores para a menina... uma outra caixa de bon-bons para a menina... e dali não se passa!

Por fim, todos reparam que... tudo era lenda e então lá vem uma ceia ou outra, uma pulseira de ouro sem ser da lei, uns sapatos, e é contentar... que os «bons» já se fartaram de o ser.

O Brazil! O «El-Dorado» das raparigas que vêm as outras aparecer com brilhantes! Foi-se! como diz o povo... e todas as que cá vieram, á procura do tal principe das Esmeraldas.

HENRIQUE ROLDÃO

Cinema Condes

As mais interessantes produções cinematograficas

Maximas e proverbios
teatraes

Quem tem telhados de vidro não atrai pedras aos do visinho.
E' por isso que os teatros são todos cobertos de telha de Marselha.

Gato escaldado d'agua fria tem medo.
D'ahi a dificuldade em se arranjar, hoje em dia, um capitalista para uma empreza teatral.

O olho do dono engorda o cavallo.
E o olho do Amarante engorda a Mula Ruça.

Quem dorme, dorme-lhe a fazenda.
E' o que acontece ao Castelo Branco quando veste uma peça má

Candeia que vai adiante alumia duas vezes.
Pois sim, mas se o empresario gasta o dinheiro da «première» antes da peça subir á scena, na noite da estreia não tem com que mandar acender as luzes.

Mais vale um gosto que quatro vitens.
Ha muito artista que dá ao empresario o desgosto diario d'um vale de cem mil reis.

Filho de peixe sabe nadar.
Da proxima Companhia Rafael Marques será fiador o Alfredo Ruas.

Quem espera sempre alcança.
Se não fosse este proverbio acabavam as bichas de borlistas á porta dos teatros.

Bago a bago enche a galinha o papo.
Aos empresarios succede geralmente o contrario.

Quem o alheio veste na praça o despe.
As trez meninas... nuas, foram-se despir para o Gymnasio.

Quem meus «Filhos» beija minha boca adoça.
E' por isso que o Alexandre de Azevedo se está lambendo com bôas receitas.

De pequenino é que se torce o pepino.
O Augusto Costa e o Vasco Sant'Ana não querem ouvir este proverbio.

A palavras loucas, orelhas moucas.
Se assim é, os espectadores do Maria Victoria deviam ser todos surdos!

Nem dois galos na mesma capoeira, nem duas «Estrelas» na mesma Companhia.

Atraz de mim virá quem bom me fará.
Com quem fará o Luiz Ruas negocio para a proxima epoca de inverno?

Quem dá o que tem não é a mais obrigado.
A Inspeção Geral dos Teatros é que não está d'acordo com este ditado.

Fia-te na Virgem e não corras e verás o trambolhão que levas.
O mal do Luiz Ruas foi fiar-se no Christo.

Dá Deus nozes a quem não tem dentes.
E dá traduções ao Mario Duarte, que tem os dentesd ele e os dos outros.

Ao menino e ao borracho põe sempre Deus a mão por baixo.
Alguns empresarios, não podendo voltar a ser creanças, embriagam-se todos os dias.

A cavallo dado não se olha ao dente.
Pois sim, mas ha muito borlista que quando não gosta pateia como gente.

LINO FERREIRA

Nacional Avenida Gymnasio Variedades

Companhia Sticini-Azevedo. A peça de grande successo «Os Filhos».

Sempre o «Doutor da Mula Ruça» peça de E. Rodrigues, Felix Bermudes, João Bastos.

«As Tres Meninas Nuas» grande successo.

A revista de grande successo «O Pó d'Arroz».

CARTAS DE UM COME-
DIANTE

O SUICIDIO DE NINA SANZI

Ouviram falar de Nina Sanzi? Nina Sanzi, alma de nomade, insatisfeita de horizontes, de povos, de costumes, de civilisação, a personalisação feminina de «Des E'sseintes, do «A Re-bours» de Huysman...

... Nina Sanzi entrou para o teatro, no Brazil, a sua terra. Aplaudida por uns, mal compreendida por outros, veio para Italia. Organizou uma companhia. E, ao lado de Rosaspina, percorreu as principais cidades italianas. Voltou ao Brazil. Estreou-se no Municipal do Rio de Janeiro com a «Cena delle Beffe», a extranha peça de Sem Benelli. Viajou pelos Estados. Regressou á Europa mas, d'essa vez foi a França buscar companhia. Reapareceu no Rio, á frente de uma esplendida «troupe» de artistas parisienses, representando primorosamente os modernos autores franceses. Foi Nina Sanzi quem deu a conhecer ao publico brasileiro, «Chantecler» de Rodand.

De 1912 para cá, não mais se ouvira falar de Nina até que Chaby Pinheiro a descobriu em Paris, numa das suas viagens. Nina Sanzi propoz-lhe a direcção de uma grande Companhia dramatica, que iria ocupar um novo teatro, ainda em construcção no Rio de Janeiro. Proseguiram as obras: Nina Sanzi conseguira que um grupo de capitalistas se interessasse pelo seu teatro e procedia á escolha de repertorio.

Mas o telegrafo annunciou um dia, laconicamente, o suicidio da actriz Nina Sanzi. Como? Porquê? Veio depois o relato nos jornais... Ainda não ha um mez que isto foi...

Nina Sanzi escalára a Tijuca n'um automovel. Lá no alto, saltou do carro em andamento... Correu para a beira do precipicio... Tirou as vestes ligeiras que a envolviam... E, desnuda, despenhou-se no abismo...

... Veio o comentario das gazetas, escalpelando a vida intima da artista. Que nos lembre, só Coelho Netto escreveu uma pagina de exaltação, precisa e sentida.

E os que teimavam em não a aplaudir no tablado não compreenderam o ultimo gesto de Beleza de Nina Sanzi... A oferenda a Deus da sua morte triunfante: o recorte da attitude eterna que os sentidos exigentes lhe desenharam. A oferenda ao Mar do seu corpo, para que o Mar o beijasse e o embalasse, de onda em onda, até que adormecer pudesse...

A noticia de um suicidio, por mais banal que seja o desventurado que se resolve a aniquilar a propria existencia, é sempre triste... Facho de luz que se apagou... Sonho sepulto na treva... Todos teem a sua cruz, mas ha cruces circundadas de uma aureola de ouro.

As dificuldades de vida que constrangeram Nina a suicidar-se não são as dificuldades do comerciante X que se suicidou por não poder pagar á Companhia tal os sacos de assucar com farinha que lhe foram fornecidos a credito com bom juro.

Nina atravessava embaraços materiais. Mas estava tambem á beira da impossibilidade maxima:

Erguer o seu sonho, corporisal-o, afirmar o seu valor, confundir os nescios, calcar a pés os parvos que a abocanhavam.

E era o seu teatro, com as suas ideias, com a sua visão de arte, muito sua, que lhe ia faltar!...

Restava-lhe uma saida, longa e escura, tenebrosa: O suicidio. Mas a morte miseravel, não a quiz Nina para si. E quiz morrer com alegria...

E fez do ultimo momento, o instante mais victorioso da sua carreira de artista.

Numa attitude eterna, fez a Deus a oferenda da sua alma, todo o seu anseio de arte, mal compreendido pelos homens. E ao Mar, a oferenda do seu corpo, para que o mar o beijasse e o embalasse, de onda em onda, até que adormecer pudesse...

CARLOS ABREU

Silva Tavares, o notavel poeta, é divorciado. Esta pagina tem, alem do espirito scintilante com que é feita, a veracidade do episodio — parte obrigatoria nestas paginas em que cada escritor vem contando um episodio da sua propria vida.

TODOS temos na vida uma aventura, a história dum sorriso de mulher, um fio de ternura qualquer...

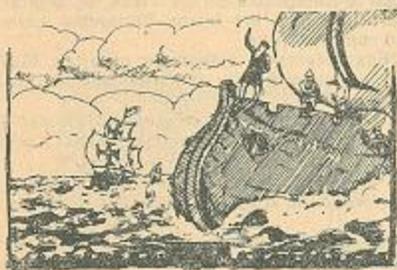
E em verdade vos digo, sem bravata: Inda está p'ra ser gerado o primeiro dos senhores que não ageite a gravata vendô-se muito fitado por dois olhos tentadores!...

Um dia, d'entre a gente que passava pelo Chiado, á hora em que retine, achando-me liberto d'afazeres, quiz confrontar quem é que mais se olhava em certo espelho que ha numa vitrine: — Os homens, triplicaram as mulheres!...



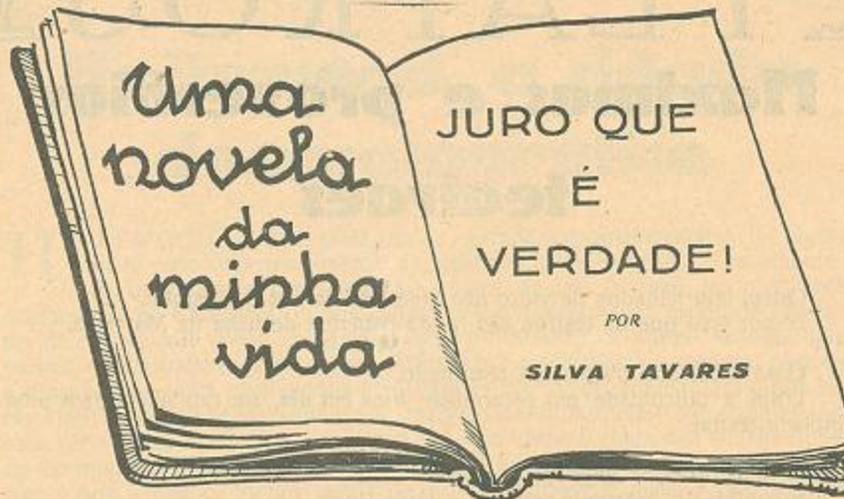
Isto vem a proposito do resto que, embora para vós não tenha interesse, marcou no meu passado como um gesto, — como um gesto d'amor que se não esquece.

Por êsse tempo discutia o burgo «Vasco da Gama», que em São Carlos vivia a eterna fama na minha estreia como dramaturgo.



... enquanto em scena era dobrado o Cabo «Bôa-Esperança»...

Eu, — porque não dizê-lo? — sentia-me feliz co'as discussões... Tinha menos uns anos, mais cabelo, um coração... e muitas ilusões!...



Uma noite, na «caixa», enquanto em scena era dobrado o cabo «Bôa Esperança», foi-me entregue uma carta, tão pequena que me cabe ind'agora na lembrança.

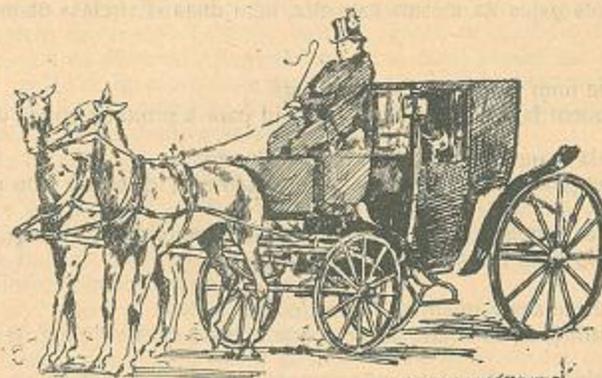
Ao canto do envelope, a lêtra inglêsa, coleante, feminina, original, — traçára e sublinhára, com firmêza, esta palavra: — Confidencial.

Mas não, não julguem que a supuz um officio!...

Lá isso, não senhor... Garanto até que, sem nenhum indício, presentí que essa carta era d'amôr. E adivinhei. De facto era o cantico duma alma que aos meus versos se rendia.

Sim, scepticos: — o espirito romantico do seculo passado, revivia!...

Eu era tão feliz que não me lembro de ter sentido um estimulo maior! Foi numa noite fria de Dezembro, porem, confesso, — enchi-me de calor!



... nisto chega um coupé...

Sai do palco e, co'a cabeça á roda, entrei na sala crendo o mundo meu, como gritando áquela gente toda: — Olhem p'ra mim, porque o autor sou eu!

E' que a carta, uma carta perfumada, depois d'enaltecêr-me com requinte,

deixava uma entrevista combinada para o dia seguinte...

Misteriosa, a estranha creatura para mais se tornar apeteçida, no final, em lugar d'assinatura, traçára — «Uma mulher comprometida».

Dizia mais que já me conhecia, e rogava-me, enfim, — p'ra estar ao pé do Condes, ás dez horas do outro dia, onde iria buscar-me num coupé.

Descrevêr-vos a noite que passei, é difficil tarefa que não tento, porque tenho a certeza que não sei!...

Só sei que, de momento p'ra momento, palpava os prós e os contras da aventura, pretendendo encontrar, para o gesto da estranha creatura, um raciocinio natural, vulgar.

Conquanto inda distante o Carnaval, cheguei a crer numa partida... E então,

de ter-me sido aquela carta entregue ao dobrar-se, na scena, o «Bôa Esperança!»...

Que me atire uma pedra esse que negue que, por amor, não foi, jamais, creança!

Muito antes das dez já eu lá estava, nervôso, no meu pósto.

Ah! com que fébre ardente desejava conhecer, finalmente, aquêle rôsto!

Nisto, chega um coupé. Uma mãozinha chama por mim, abrindo a portinhola. Vejo no escuro uma mulher, sósinha, dou mais um passo e... cáio na gaiola!...

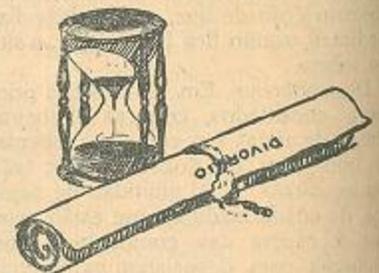
Ah! meus amigos!... Eu não desejo a quem me queira mal a terça, a quarta parte dos castigos dessa noite impossivel, infernal!

Nunca passei um quarto d'hora assim!

Todo eu era suores!

Antes se despenhasse sôbre mim o monumento dos Restauradores!...

E' que a desconhecida, a que eu não sei se desejei, sequer, a da carta; a mulher comprometida, — era a minha mulher!...



Lx.ª 10-8-1926

SILVA TAVARES

“LINFATINA”

Nobre Sobrinho

BÉBÉS ASSIM só se obtêm dando lites a «LINFATINA» — Nobre Sobrinho.

DEPOSITO

Teixeira Lopes & C.ª Ltd.

45, Rua de Santa Justa, 1.ª LISBOA

VARIA

OS BOMBEIROS

Um suplicio de Inquisição!

Recorda-se o caso mais sensacional de salvamento em que os bombeiros de Lisboa têm intervindo

FAZ hoje oito dias comemorou-se, com uma festa para a condecoração de alguns bombeiros, o Dia do Bombeiro. Vem a propósito referir e arquivar nas paginas de O Domingo um caso verdadeiramente sensacional, em que interveio o pessoal do Corpo Municipal de Salvção Publica e que pelas condições excepcionais em que se deu mais parece uma novela á "frisson" do que um autentico caso de rua, passado aqui a dois passos, na Estefania.

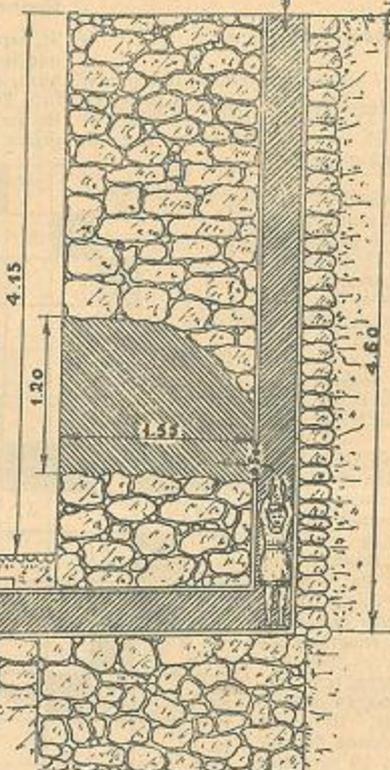
As nossas gravuras são elucidativas.

Uma criança brincava na parte superior da muralha, que é representada em corte, e descuidadamente caiu por uma pequena abertura de 28 centímetros quadrados, e da altura de 4m,60, ficando, como o desenho indica, com as mãos e os braços para cima, sem poder fazer qualquer movimento!

Aos gritos dos outros pequenos acudiram populares. A

raco. Do ar separava-a uma espessa muralha de dois metros de espessura!

Ao chamamento, a creança, do fundo do seu tumulo, respondia a custo!



Um corte feito na muralha da Estefania, vendo-se o sitio por onde a creança caiu e a enorme fenda feita em baixo pelos bombeiros.

Uma multidão curiosa daquele espectáculo de «film» americano comprimira-se ao largo da muralha da Rua Mindelo. A força de policia a custo con-



O ajudante Baptista Ribeiro e a exemplificação de salvamento, com cinto duplo de sua invenção, e em que se prova que uma creança ou um homem corpulento pode ser salvo.

tinha o povo — comovido e impressionado com a scena.

Havia muitos olhos marejados de lagrimas.

Até que, num momento, a creança estendeu mais os bracitos e então um rapaz vigoroso, debruçando-se da aber-



O cinto duplo aplicado a um rapaz

Mas não havia a menor duvida—falava, estava viva! Os minutos passavam, era preciso salvar a antes que a fome ou o terrivel cansaço se apoderasse dos seus membros, obrigados a tão incomoda posição. De fóra, a familia procura, escondendo as lagrimas, animar a pobre creança.

Entretanto, esgotados todos os meios de salvamento por cordas ou cintos, impossivel de aplicar pela parte de cima, os bombeiros, com picaretas, atiraram-se á parede para, lateralmente, atingirem o poço onde a creança caíra. Não descançaram os bravos rapazes do corpo de salvção publica.

Um trabalho de dias aparecia feito, como por encanto, em minutos. A' medida porem que se aproximavam, na excavação, do fosso onde a creança caíra, novas dificuldades surgiam. E se uma pedra, um pedaço do forte cimento que revestia esse verdadeiro tumulo de Inquisição viesse a cair sobre a cabeça da pobre creança?!

Pode dizer-se que as ultimas pedras foram retiradas centimetro a centimetro, á mão, pondo os dedos dos bombeiros em sangue.



O pequeno Alberto Nogueira Pico, salvo após algumas horas de soterramento.

va-se com a ideia de ter que regressar a casa sem o pequeno Alberto.

Imediatamente foram chamados os socorros dos bombeiros municipais. A creança jazia ao fim do terrivel bu-

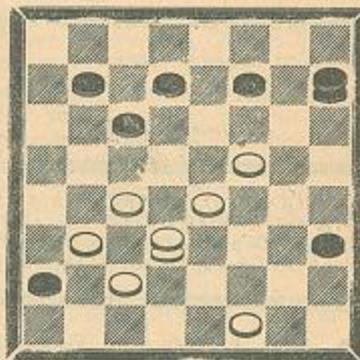
DAMAS

solução do problema n.º 82

	Branças	Pretas
1	14-18	23-14
2	3-7	11-3 (D)
3	12-16	2-13-16
4	16-17-30 (D)	28-19
5	30-12-3-21	?
6	21-25	
	Ganha	

PROBLEMA N.º 83

Preta 1 D e



Branças 1 D e 5 p.

As brancas jogam e ganham. Sabentende-se que as casas tracejadas são as brancas.

Resolveram o problema n.º 81 os srs.: Aleixo Cunha, Artur Santos, Armando Machado (Ilhavo), Augusto Teixeira Marques, Neulame [Figueira da Foz], Rolando Mora e Sueiro da Silveira.

O problema hoje publicado foi-nos enviado pelo já nosso conhecido e aprecido amator desta secção o sr. José Maria da Silva (Arcos de Valdevez)

Toda a correspondência relativa a esta secção, bem como as soluções dos problemas, devem ser enviadas para o «Domingo Ilustrado», secção do Jogo de Damas. Dirige a secção o sr. João Eloy Nunes Cardoso.

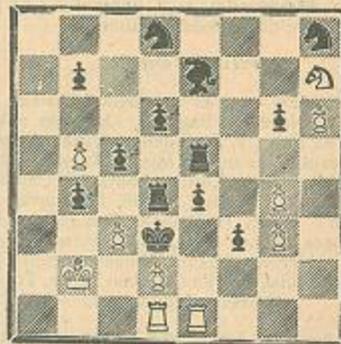
XADREZ

A correspondência sobre esta secção póde ser dirigida a Pereira Machado, Gremio Literario, Rua Ivens, n.º 37

PROBLEMA N.º 83

Por H. Meyer (1895)

Pretas (13)



(Branças (10

As brancas jogam e dão mate em sete lances (7)

Abu-Abdallah Mohammed... pobre rei que velho e doente vê os dominios invadidos por multiplos inimigos! Avança ainda para o asco da peleja a tentar reproduzir os feitos da sua mocidade heroica; as forças, porem, faltam-lhe e determina, que jovem principe Ali ben-Achmed, seu herdeiro, assumo o comando dos exercitos, declarando-lhe para lhe estimular o brio, que só o armará cavaleiro, quando consiga repelir os invasores para alem fronteiras. Fervilha Ali de entusiasmo belico com o desejo da recompensa. Arranca do allange cravejado de pedraria rara, e apodado pelo grosso das hostes, cutillada á direita, cutillada á esquerda, derruba um a um os chefes inimigos, realisando taes proezas, que, apoz seis dias de combate feroz, é solemnemente armado cavaleiro da suprema Ordem de Caissa por seu pae, o bom e velho rei Abu-Abdallah Mohammed...

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 81

1 T. 1 B R

Resolveram os srs.: Nunes Cardoos, Club Portuense (Porto), A. Pereira da Silva, prof. Sueiro da Silveira, (Beja) e Vicente Mendonça.

Varia

MOINHO DE PACIENCIA

N.º 5

2.ª SERIE

SECÇÃO CHARADISTICA SOB A DIRECÇÃO DE CARLOS RODRIGUES ORDIGUES (Da T. E.)

22 AGOSTO 1926

Apuramento da 2.ª serie de 1926

(12 numeros) N.ºs 67 a 80

Produções publicadas 119

DECIFRADORES

MAMEGO 119, D. GALENO e MARIANITA 117, LORD DÁ NOZES 90, AULEDO 81, D. SIMPATICO 76, DR. DA MULA RUÇA 60, DAMA NEGRA 59.

Viriato Simões 56, Henrique 41, Visconde da Relva 38, Avieira 35, Dropé 34, Miel 33, Jamengal 27, Oçaloc e Piricáta 20, Africano e D. K. K. Tro 19, Jufene & Lourençil 18, Kuritsa 17, Adalberto Bêco 14, Troupe Carcei 8, Jojoroca 6, Aviardo e Menina Xó 5, Bagulho 2, Dr. Fantasma e Hofe 1.

CLASSIFICAÇÃO DOS DECIFRADORES

1.ª CATEGORIA

Com mais de 90 %

D. Galeno, Mamego e Marianita

2.ª CATEGORIA

Com mais de 70 %

Auledo e Lord Dá Nozes

3.ª CATEGORIA

Com mais de 50 %

Dama Negra, Dr. da Mula Ruça e D. Simpatico.

CAMPEÃO

O título de CAMPEÃO DE DECIFRADORES desta serie, coube á nossa distinta decifradora Mamego, cuja fotografia será publicada num dos proximos numeros.

PRODUTORES

D. Simpatico com 1 1/2 produções, Avieira 11, Lord Dá Noze: 9, Bagulho, Ordígues e Visconde da Relva 7, D. Galeno e Viriato Simões 6, Africano, Marianita e Miel 4, Auledo, Camarão, D. K. K. Tro, Kuritsa, Lolita dos Caldos e Rei do Orco 3, Caltar, Dropé, Lohengrin, Jamengal e Vasco H. Dias 2, Camarão e Lord Dá Nozes, Dama Negra, Dr. da Mula Ruça, D. Solidão, Henrique, Lhalha, Matasil, Menina Xó, Oçaloc, Ordisi, Rei Vax, Sancho Pança, Troupe Carcei e Zequitolis 1.

CLASSIFICAÇÃO DOS PRODUTORES

Resultado das votações para o

QUADRO DE DISTINÇÃO

Table with 2 columns: Name and Votes. D. SIMPATICO 5 quadros com 25 votos, BAGULHO 2 > 13 >, DAMA NEGRA 1 > 5 >, LORD DÁ NOZES 1 > 4 >, CAMARÃO 1 > 3 >, D. GALENO 1 > 3 >, V. H. DIAS 1 > 3 >

OUTRAS VOTAÇÕES

Bagulho 9, Lord Dá Nozes 7, Avieira e Ordígues 6, Africano e D. Simpatico 5, Kuritsa, Visconde da Relva 4, Auledo e D. K. K. tro 3, Ca-

marão, Dr. da Mula Ruça, D. Galeno, Jamengal, Lhalha, Marianita e Viriato Simões 2, Caltar, D. Solidão, Lohengrin, Lolita dos Caldos, Ordisi, Rei do Orco, Sancho Pança, Vasco H. Dias, X e Zequitolis 1.

CAMPEÃO

O título de CAMPEÃO DE PRODUTORES desta serie coube ao distinto colaborador D. Simpatico, cuja fotografia publicaremos num dos proximos numeros.

EXPEDIENTE

Rogamos aos nossos distintos colaboradores D. SIMPATICO e MAMEGO, a fineza de nos enviarem as suas fotografias, o mais brevemente possivel.

CHARADAS EM VERSO

[A uma velhinha]

1 Porque choras velhinha esquecida? Por ventura, acalentas ainda ilusões dessa infancia perdida, relembrando a ventura que finda?

Anda, falsa, acredita faz bem dar alvito a essa alma sombria. O teu petto causado, retem infelizes amores de algum dia?

Talvez chores por veres chegado desta tragico vida o seu fim; por julgares que o teu corpo mirrado vai baixar á prisão mais ruim.—2

Mas não chores; é lá podes crer que se encontra a suprema ventura; finda ahí todo o nosso sofrer, toda a dor, ilusão e amargura.—1

Deixa a vida correr com leveza porque a paz só se encontra na vala; abandona portanto a tristeza, que o teu íntimo tanto avassala.

Lisboa LORD DÁ NOZES

[Respondendo á «Dama Negra»]

2 «Quatro» e quatro?—diz o Braz—2 professor abalizado, para José, o rapaz da classe mais adiantado.

Vaciando co' a pergunta e dando resposta errada, o mestre em segreda ajunta esta frase arvevesada:

Você não trinta o exame—2 e deixe-se lá de tretas; Vou passar-lhe p'ra castigo um tal exercicio antigo, composto de quatro letras.

Daifundo D. SIMPATICO (T. E.)

3 O «petto» bem guisadinho—1 na opposição da Gulné,—1 é um soberbo petisco, quando não haja banzé!...

Havendo porem balburdia por causa da petisqueira, começam os comilões numa grande choradeira.

Lisboa VIRIATO SIMÕES

CHARADAS EM FRASE

[Ao eximio atirador A. M.]

4 Tenha em vista que o seu tiro não vá até ao traço de unção.—2—1

Lisboa MARIANITA

5 Para se ter no campo um agradável passatempo, basta ver fazer a «colheita».—1—2

Lisboa D. GALENO (T. E.)

6 Há coisas que, antes do principio, não são dignas de compaixão, mas sim, depois de terem começado.—3—8 Castelo Branco MANÉ BEIRÃO

7 E' um defeito habitual quando joga o «loto» não tirares os olhos da cupula.—2—2

Lisboa DROPÉ (da T. E.)

8 Tenham cuidado! Nunca brinquem com um idiota.—2—1

Lisboa JAMENAL

CORREIO DROPÉ.—Recebi, muito obrigado. AULEDO, MIEL, OÇALOC e LOHENGRI.—O «reporfício» dos illustres confrades esgotou-se. Não acham que seria conveniente remove-lo?... Parece-me que sim!...

CASAS PALAVRUCRUCADAS o passatempo da moda

Secção dirigida por ORDIGUES

Nota importante.—Toda a correspondencia relativa a esta secção deve ser endereçada ao seu director e remetida para a RUA PEDRO DIAS, 15, 4.º ESQ. LISBOA

As decifrações do problema hoje publicado, devem ser enviadas, O MAIS TARDAR, até ao PROXIMO SABADO. A solução do problema do numero anterior sairá no proximo numero, bem como o QUADRO DE HONRA.

QUADRO DE HONRA

SPARTANUS, AULEDO.

DECIFRAÇÕES DO N.º 82

HORISONTAIS.—1 maranhoso, 10 repousa, 12 et, 14 sairá, 15 cá, 16 ria, 18 r v i, 19 sal, 20 foca, 22 sair, 23 ufano, 24 lorpa, 25 mimo, 27 adir, 28 ala, 29 lan, 31 a r i, 32 dó, 33 labor, 35 a a, 36 pacatos, 38 paralelos.

VERTICAIS.—2 ar, 2 rês, 4 apar, 5 noiva, 6 huri, 7 osa, 8 sa, 9 perfumada, 11 palrarias, 13 Teofilo, 15 caipira, 17 acama, 19 sarda, 21 ano, 22 sôa, 20 cabal, 39 laca, 30 note, 33 lar, 34 rol, 36 pá, 37 só.

Problema de hoje original do nosso illustre colaborador «DOENTIO».

HORISONTAIS.—1 embarcação usada na India, 2 ousadia, 3 esvasia, 4 desgastar, 5 nome proprio (fm.), 6 nota de musica, 7 antepassado, 8 prefixo que significa á ródá, 9 faço a diges tã de (inv.), 10 pancada, 11 ninho (em espanhol), 11-A anagrama de lote, 12 especie de embarcação de carga (em francez), 13 bateu, 14 rival, 15 desenvolve se, 16 resai (inv.), 17 cidade italiana, 18 enroupar, 19 perpetuo, 20 elemento, 21 parlenga, 22 carta de jogar, 23 pron. pess. (pl.) (em francez), 23-B anagrama de ilota, 24 amarro, 25 canto funebre, 26 capacetes.

VERTICAIS.—1 pantanoso, 23-A duas consoantes, 24 anagrama de má, 27 anagrama de roca, 27-A duas letras de toga, 28 esquece, 2 serra do Brasil, 29 pron. pessoal, 30 atractivo,

31, especie de palmeira do Brasil, 32 metaloide que se encontra nas cinzas das plantas marinhas, 33 a mim, 34 diante, 7 proceder, 35 profiro, 36 encerrou, 37 esquecer, 14 anagrama de Racine, 38 marisco, 39 resaria, 15 trova, 40 anagrama de leme, 41 que teem muitos anos, 17

Crossword grid with numbers 1-31 and some letters filled in.

óro, 42 de viva voz, 43 guarneça, 44 nascido, 45 contração da preposição e do artigo.

CORREIO

PIRICÁTA.—O seu problema está tão confuso em sinonimia e decifrações, que não é possivel dar-lhe publicidade.

O DOMINGO NAS PRAIAS E TERMAS ilustrado

PEDIDOS A' ADMINISTRAÇÃO RUA D. PEDRO V, 18

Antiga Casa CAMPOS

V.ª CAMPOS, L.ª

RUA AUGUSTA, N.ºs 119 A 123

Chá

LISBOA

Café

Grande sortimento de Louças de Porcelana, Faiança, Cristais e Vidros das principais fabricas Nacionais e Estrangeiras.

Talheres de Cristofle e Metais finos para uso domestico. Artigos de Fantasia e Ménage.

VARIEDADE DE OBJECTOS PROPRIOS PARA BRINDES

PREÇOS RESUMIDOS

UMA NOVELA SENTIMENTAL
COMPLETA . . .Os martires do tu-
rismo

*Pagina palpitante de realidade,
decerto já vivida por todos os
que a lerem e que entre nós é
sempre, infelizmente, oportu-
nissima.*

nas contas e na falta de conforto. Nesse ponto é mesmo colossal, quasi sempre.

Subimos. Logo na sala de entrada podemos deliciar-nos com um verdadeiro museu de arte em calendarios das mais remotas eras, a que não falta



Legiões de percevejos famintos, famílias inteiras açoladas pela fome descem das suas cavernas, ao cheiro da carne fresca.

a patine de antiguidade, atestada pelas sucessivas camadas de poeira, que o tempo prodigamente forneceu e nos retoques dos seus diversos desenhos e paisagens, em que varias gerações de moscas colaboraram.

Ha tambem um quadro inevitavel: uma senhora de longas peles, regalo e chapéu de fartas plumas, que sorri deliciada no meio dum deserto de gelo desolador e frio, tendo por fundo uma interminavel paisagem de neve siberiana.

Na sala de jantar encontramos o eterno camapé de palhinha, derrancado e flacido, um guarda-louça com amstras de chavenas dos mais diversos formatos e desenhos, balouçando-se em ferrugentos camarões, enquanto outras mutiladas, invalidas, sem asa que as eleve e as sustente, as olham de baixo humildemente, com inveja; e formando o sequito, a «entourage» de velhas e respeitaveis terrinas e veneraveis garrafas de Kermann e de Escarchado bebido ha longos anos, fileiras compactas de maçãs vermelhas e de fórmãs alentadas, algumas tapando discretamente a boca a grossos copos, escurecidos pelo sarro do vinho bebido por muitas gerações de viajantes.

Na mesa espera-nos uma sopa, onde as moscas pretendem salvar-se a todo o transe, agarrando-se aos talos da couve e aos cabelos que a cosinheira deixou ali cair, propositadamente já para tão piedoso fim.

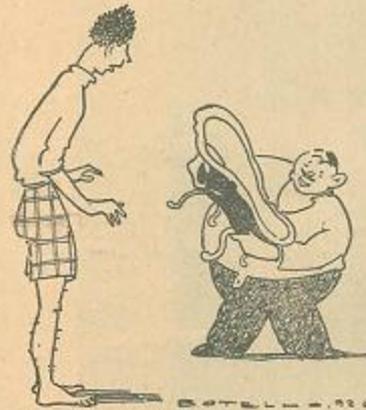
E depois duma refeição toda em hipoteses, pretendemos naturalmente repousar.

Mas a não ser que nos acometa o sono eterno, temos de ficar na pretensão.

Numa irresistivel tentação, deixamos cair o corpo contuso e moido das atribulações da tragica jornada, sobre uma cama que nos recebe sempre recalitrando e com protestos da sua desgongçada e ferrugenta arquitectura.

Temos nesse momento a nitida impressão de ter caído sobre um marmore. Depois das contusões adquiridas durante a acidentadissima viagem, aquela marmorea rigidez oferece-nos a agradável e perfeita sensação de que o nosso fracturadissimo esqueleto vai por fim repousar sobre a decantada mesa da anatomia.

Porem, o peor suplicio vem depois. Legiões de percevejos famintos, famílias inteiras açoladas pela fome des-



... entrava-me no quarto solenemente, ao colo do hoteleiro, um objecto extranho, de grandes proporções, difficilmente reconhecivel e que ele aperta ao seio...

cem das suas cavernas, ao cheiro da carne fresca. Numa perfeição estrategica notavel, rapidamente, a invasão alastra. Lê-se-lhes no rosto a mesma alegria satanica que á entrada descobrimos no hoteleiro, ao ver chegar emfim um hospede, uma vitima.

Então a luta é tremenda, feroz. E se o viajante tem a temeridade de ficar, é certo que na manhã seguinte encontrará apenas o seu cadaver. O menos que pode acontecer-lhe é constatar de madrugada nos restos nebulosos do espelho do lavatorio que um inesperado ataque de sarampo o acometeu.

A madrugada encontra-nos geralmente dormindo sobre o parapeito da janela; e mal refeitos da luta nocturna, procuramos lavar-nos. Um lavatorio só visível ao microscopio passa-nos despercebido. Chamamos alguém.

Aparece sempre o proprio hoteleiro, curioso por ver o estado em que ficamos depois do ataque nocturno.

Diz sem convicção nenhuma e para nos animar que o nosso aspecto é excelente e lê-se-lhe entretanto no semblante o pasmo de nos ver ainda com vida e figura humana, apoz a luta nocturna com as feras que infestam os seus tragicos aposentos.

Nesta ultima viagem, nesse momento, muito ingenuamente pedi um banho.

Um espanto indescrevível se espalhou no rosto do hoteleiro, como se lhe tivesse pedido a coisa mais extranha ou imprevisita. E passados momentos, já mais refeito da grande admiração que o meu desejo provocou, respondeu:

—Pode V. Ex.ª, querendo, lavar os pés; temos aí uma bacia de cobre.

Muito naturalmente, achei pouco.

Ele então, numa inspiração feliz, num grande ar de hoteleiro moderno, tomando uma atitude civilizada, acrescentou:

—E temos aí um bidé!!!

Foi então a minha vez de ficar mudo perante tão inesperado requinte, e mandei vir o aparelho.

Esperei emocionado e ansioso e pouco depois entrava-me no quarto solenemente, ao colo do hoteleiro, um objecto extranho, de grandes proporções, difficilmente reconhecivel e que ele apertava ao seio, cautelosamente, com verdadeiro carinho maternal.

Constatê que de facto o objecto em questão era o que me havia sido anunciado.

O monstro tinha todo o aspecto de ser quasi antediluviano. Com os interiores pintados de amarelo vivo, as pernas tortas, horrendo e temeroso, bojudado, largo, proprio para formas avantajadas, decerto preistoricas; quasi podia dizer-se colossal.

Puz-me a estuda-lo curiosamente; fóra de certo adquirido ha seculos na cidade, nalgum leilão burguês.

Posto no chão, ficava com uma das pernas no ar, como estes cães a que pizamos uma pata. E por mais que se tentasse fazer hipismo sobre tão horrendo monstro, todos os esforços resultavam inuteis, em virtude do balanço desordenado que os seus tres pés mal alinhados produziam.

Não me atrevi, nem tentei afinal montar o bicho.

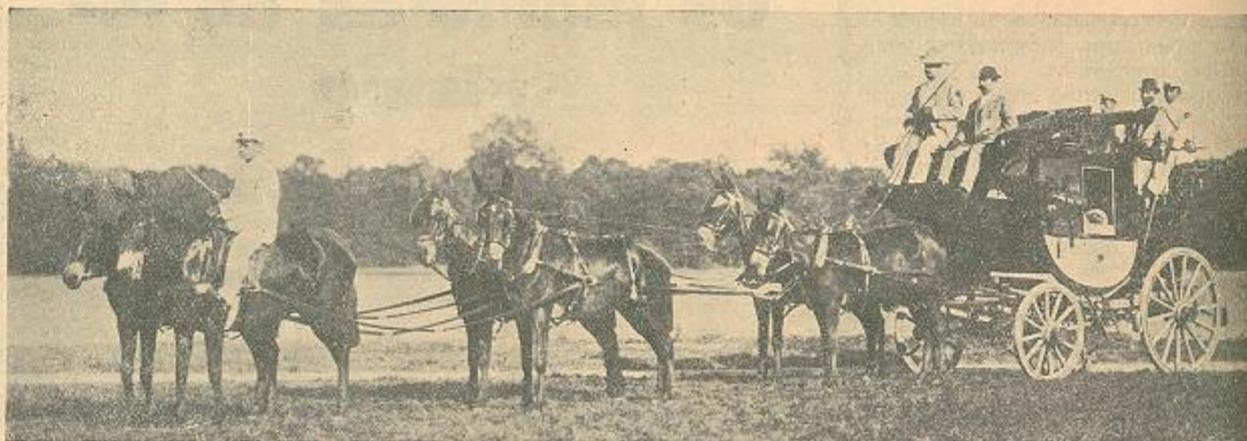
E entre desolado e compungido por não sentir coragem para usar de tal requinte, dirigi-me ao rio mais proximo e numa toilette verdadeiramente edenica, tomei um banho selvaticamente natural, é certo, mas completo, total e sem perigos.

Actualidades gráficas

A MORTE DE UM GRANDE SPORTSMAN



O Sr. Conde de Fontalva, notabilíssimo sportsman, que aliava a um grande espirito de artista um bondosissimo coração, e que deixa em seus filhos, legítimos herdeiros das suas grandes qualidades.



O celebre «mail coach» da casa Fontalva, em que o sr. Alfredo Anyos, Conde de Fontalva, fez a famosa viagem através a Europa, e em que todo o mundo sportivo falou.

O DIA DO BOMBEIRO

A aposição das medalhas de ouro aos bombeiros pelos snrs. governador civil e comandante Rodrigues Alves, na parada do Quartel da Avenida Wilson, constituiu um espectáculo imponente.



NOSSA SENHORA DO AR



Por iniciativa do nosso colaborador e grande poeta Silva Tavares fez se em Sintra a festa de Nossa Senhora do Ar. O Sr. Presidente do Ministerio, general Carmona, collocando o estandarte na lança da bandeira da Aviação.



Sua Eminencia o Sr. Cardial Patriarca entre altas individualidades officiais e os snrs. presidente do Ministerio e ministros da Marinha, Interior, Instrução e Estrangeiros.

PUBLICIDADE

O transporte rapido e economico
deve-se á

Cooperativa Lisbonense de Chauffeurs
A INICIADORA DO TAXI EM PORTUGAL

TAXIS CITROËN
(DE PALHINHA)

O Taxi preferido pelo publico

SERVIÇO PERMANENTE DE DIA E DE NOITE
E NA ESTAÇÃO DO ROSSIO

PEDIDOS PELOS TELEFONES N. 5521 e N. 5528

Escritorio e Garage:

RUA ALMIRANTE BARROSO, 21 - LISBOA

Academia Scientifica
de Beleza

Directora: MADAME CAMPOS

Estabelecimento unico no genero em Por-
tugal e o mais importante da península,
destinado exclusivamente ao tratamento
de senhoras e creanças.

Tratamentos electricos applicados sob
todas as suas formas.
Massagem, Manucure e Tintura dos ca-
belos.

Ondulação Marcel e Permanente.

Agua, Crème e Pó d'Arroz

Rainha da Hungria
os melhores productos de beleza.

Peça em toda a parte e escreva para a
Academia Scientifica de Beleza

Telefone N. 3641

AVENIDA DA LIBERDADE, 35
LISBOA

PEÇAM

ESTRELLA

A melhor
das cervejas

A'S EX.^{AS} MODISTAS

TEIXEIRA L.^{da}

ANTIGA CASA ALCANTARA

139, RUA AUREA, 2.º

DEPOSITARIOS DE ARTIGOS PARA
CHAPEUS

SEMPRE AS ULTIMAS NOVIDADES

FELTROS,

FLAMONS

TAUPÉS

TELEFONE 0. 1969



Telefone 1094 N.

FUNERAES
SIMPLES
e LUXUOSOS
SERVIÇO
PERMANENTE
MARIO
AUGUSTO
DA SILVA
MILHEIRO
131. RUA DOS ANJOS. 133
LISBOA TELEF. 1094 N.

Telefone 1094 N.

BARROS & SANTOS

RUA DO OURO, 234 A 242

ENORME SORTIDO DE

ARTIGOS DE CAMISARIA

TECIDOS DE ALGODÃO E SEDA

ATOALHADOS, MALAS

E ARTIGOS DE VIAGEM

CHAPELARIA, ETC., ETC.

SALDOS DE FIM DE ESTAÇÃO

A MAIOR TIRAGEM DE TODOS OS SEMANARIOS PORTUGUEZES

O DOMINGO

ASSINATURAS
CONTINENTE E HESPAHHA
ANO - 48 ESCUDOS -
SEMESTRE - 24 ESC. -
TRIMESTRE - 12 ESC. -

ilustrado

ASSINATURAS
COLONIAS
ANO, 52x20 - SEMESTRE, 26x10
E STRANGEIRO
ANO, 64x64 - SEMESTRE, 32x32

NOTICIAS & ACTUALIDADES GRAFICAS - TEATROS, SPORTS & AVENTURAS - CONSULTORIOS & UTILIDADES.



deixem-se
de
lerias!
ou
apanham
fifos,
ou bebem
agua
de
Castelo
de
Vide!